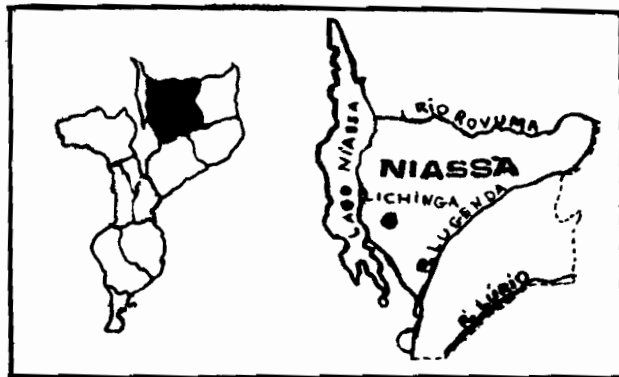


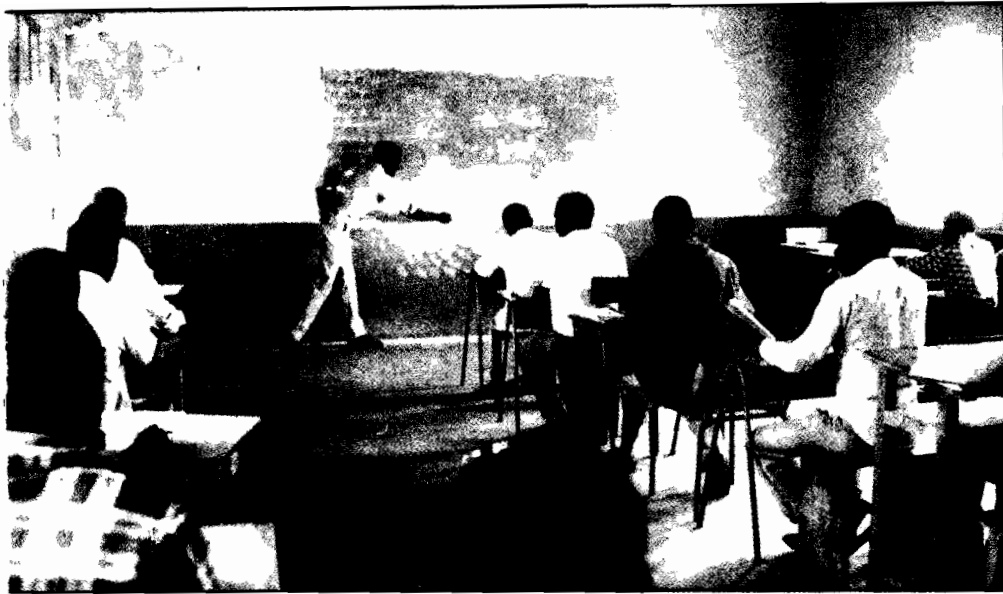
# Escola Agrária do Niassa Remando contra a maré



Texto de F. Manuel • Fotos de Naita Ussene

Há sete anos já que funciona em Lichinga um centro para preparação de técnicos básicos para o ramo agro-pecuário, em regime de internato. A exemplo do que acontece com outros centros do género existentes no país, esta escola luta com problemas diversos, relativos à alimentação, alojamento e material didáctico. A situação poderá vir a ficar aliviada com o recurso a pequenos projectos locais — para as áreas onde isso é possível.





Aspecto de uma sala de aulas: sem material didáctico

em Niassa, «prevemos vir a passar muito mal». É uma previsão que se vem juntar a outros problemas já existentes na escola, como seja a qualidade de alojamento («só temos bases, não temos colchões») e a falta de material didáctico.

O efectivo dos professores consegue ser uma excepção nesta maré de dificuldades, dado que segundo Ernesto Paulino aqueles são supranumerários. Aqui, o problema reside em que «como não há especialização» a distribuição pelas disciplinas obedece àquilo a que se chamou de «improvisação» e cujo exemplo se pode encontrar no facto de «o professor de economia ser, na verdade, de mecânica».

A Escola Agrária do Niassa funciona nos arredores de Lichinga, a capital provincial, da qual dista cerca de quinze minutos de viagem em automóvel. Em regime de internato, este estabelecimento ministra cursos para «técnicos qualificados do ramo agro-pecuário» com o nível básico, segundo informações de Ernesto Paulino, de 23 anos, professor de Silvicultura e Agricultura e substituto do Director, na ausência.

Os alunos são «seleccionados atentando-se no comportamento pedagógico e vontade de trabalhar», ingressando na escola com habilitações de 7.ª classe para, ao fim de três anos de curso — no caso de aproveitamento — «sair com correspondência de nona». Até este ano lectivo, os cursantes provinham exclusivamente de outras províncias como Maputo e Manica, para onde regressavam no fim do curso para ingresso nas escolas médias agrárias, quando não fossem desviados para outras áreas.

Segundo Ernesto Paulino, as instalações onde actualmente funciona a Escola Agrária de Niassa eram utilizadas como Escola de Artes e Ofícios, datando a nova vocação do ano de 1979. «Em 1981 saíram os primeiros graduados, em número que não posso precisar dado que sou novo na escola».

Este ano conta-se com a participação de 71 alunos, 9 dos quais meninas.

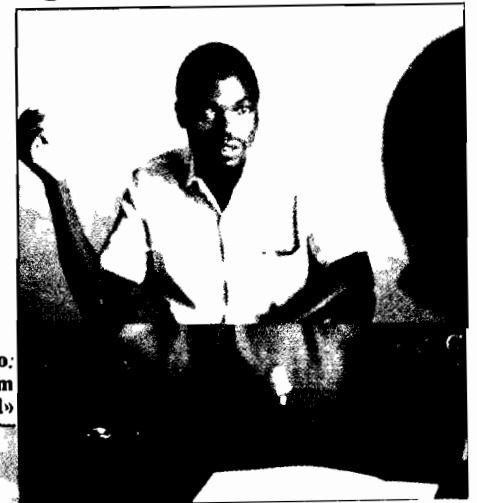
## VIDA DIFÍCIL

Daquele número total de cursantes, vinte e um são finalistas e segundo estimativas de Ernesto Paulino «podemos vir a graduar cerca de dezoito» contra os catorze do ano passado. «O rendimento é razoável», afirma o nosso entrevistado, acrescentando que «poderia ser muito melhor mas há muitos problemas».

Um destes problemas é a deficiente alimentação a que os alunos têm de fazer frente ao longo de todo o ano, período durante o qual a ementa pouca mais de novidade oferece que feijão e farinha de milho. Com a perspectiva dos maus resultados agrícolas este ano

## O QUE SE PODE FAZER FAZ-SE

É devido a situações que tais que a Escola Agrária do Niassa não incluía nos seus alunos, até este ano — como atrás ficou dito — os naturais ou residentes na província: «como estavam perto de casa», explica Ernesto Paulino, «logo às primeiras dificuldades fugiam».



Ernesto Paulino:  
«Os alunos trabalham muito mas comem mal»





Elsa Sotto: o estudo em grupo, como forma de minimizar a falta de material didáctico, tem dado «bons resultados»

E, no entanto, segundo pudemos apurar, já houve tempos em que esta unidade escolar produzia alimentos suficientes não só para consumo interno como também «para outros centros escolares de Lichinga». Hoje, isso não é possível «principalmente por causa da falta de combustível», motivo pelo qual a maquinaria disponível se encontra entregue ao capim.

O que se tem feito agora para garantir um mínimo de diversidade na ementa conta com o apoio da Cooperativa de Lussanhando, que, todos os anos na altura do início do ano agrícola dá por empréstimo uma junta de bois para a lavoura, sendo o restante trabalho feito posteriormente pelos alunos, durante as aulas práticas, que no último ano do curso ocupam a maior parte da carga horária.

Este ano, durante o mês de Abril, a junta lá esteve na escola, apoiando na preparação de 1 hectare que se pretendia vir a utili-

zar para hortícolas. Fora isto, esta pequena comunidade escolar conta com a existência de oito bois, alimentando o projecto de vir a iniciar a criação de coelhos num futuro muito breve.

Quanto ao alojamento não se vislumbra saída nenhuma a curto prazo, sendo que os problemas criados pela falta de material didáctico são aliviados pela prática de estudos em grupo que, segundo Elsa Sotto, de 18 anos, aluna ida de Maputo, «tem dado bons resultados». O único senão seria que estes estudos são feitos à noite: «como não há lâmpadas, temos que estudar na cozinha», único local onde existem.

#### LABORATÓRIO DE SOLOS EM MONTAGEM

É provável que alguma coisa da rotina da escola venha a mudar ainda este ano, com a conclusão da montagem em curso, nas suas

instalações, de um laboratório para análise de solos. O projecto de montagem deste laboratório, oferecido pela CARITAS, data de 1981.

A chegada do material à escola deu-se no mês de Março desse mesmo ano, aí permanecendo, em precárias condições de conservação, até princípios de 1986, por falta de um técnico capacitado para a sua montagem, segundo Mateus Joado, chefe do Serviço Provincial de Educação.

Os técnicos — acabaram por chegar dois ao mesmo tempo — iniciaram o seu trabalho em fins de Fevereiro, e segundo Mateus Joado, este deve-se ter concluído «em fins de Junho, princípios de Julho».

De qualquer forma, muito provavelmente se terá que esperar, após a conclusão, pela vinda do técnico que irá operar com o laboratório, situação que levantava ainda algumas reticências em finais de Abril. Quando em funcionamento, o laboratório terá a dupla vantagem de, primeiro, «servir à própria escola, para formação de técnicos nacionais» e, segundo, a província na área agrícola, dado que «há aqui várias empresas que a ele poderão recorrer».

Paralelamente ao laboratório, e ainda segundo Mateus Joado, há a ideia de ao longo deste ano se instalar na escola uma biblioteca agrícola para uso dos professores e alunos. Aí será, talvez, tempo de se olhar um pouco mais a que a escola ofereça aos alunos algo que torne os três anos do curso não só úteis como também menos sacrificados.

□

Aulas práticas: também com o objectivo de diversificar a ementa do centro

